

A OUTRA MARGEM DO LAGO

Maria Flávia Figueiredo
Juninho – Missão IDE

“Ora, passando para a outra margem do lago, os discípulos haviam esquecido de levar pão. Jesus disse-lhes: Guardai-vos com cuidado do fermento dos fariseus e dos saduceus. Eles pensavam: É que não trouxemos pão... Jesus, penetrando nos seus pensamentos, disse-lhes: Homens de pouca fé! Por que julgais que vos falei por não terdes pão? Ainda não compreendeis? Nem vos lembrais dos cinco pães e dos cinco mil homens, e de quantos cestos recolhestes? Nem dos sete pães para os quatro mil homens e de quantos cestos encheistes? Por que não compreendeis que não é do pão que eu vos falava, quando vos disse: Guardai-vos do fermento dos fariseus e dos saduceus? Então entenderam que não dissera que se guardassem do fermento do pão, mas da doutrina dos fariseus e dos saduceus.” (Mt 16,5-12)

Gostaríamos de propor uma leitura, de certa forma metafórica, do trecho acima, extraído de São Mateus (16,5-12).

O texto começa narrando a passagem dos discípulos para “a outra margem do lago”. Isso poderia nos remeter à idéia de que eles estavam optando por deixar o mundo que conheciam, e que havia sido proposto por Jesus, para desvendar novos horizontes, conhecer novas paragens. Isso não teria a menor importância se eles não tivessem se esquecido de levar consigo o pão que os alimentaria durante a jornada. O pão, neste contexto, pode ser entendido como o alimento espiritual, a convicção interior em relação à doutrina que lhes sustentava na margem oposta do lago; na verdade, sua própria fidelidade a Deus. E foi por esse motivo que eles se assustaram e se preocuparam, pois reconheceram que suas sacolas estavam vazias, os ensinamentos de Jesus não estavam impregnados em suas mentes, seus corações estavam vacilantes.

Jesus sabia que, se os discípulos estivessem plenos de Sua Palavra, do verdadeiro Pão da vida, eles se recordariam de tudo o que o Mestre havia realizado diante de seus olhos. Eles se lembrariam dos cinco pães que alimentaram cinco mil homens e dos sete pães que nutriram os outros quatro mil. Eles se recordariam ainda dos cestos que foram recolhidos em ambas as situações porque o alimento dos céus nutre com fartura.

Mas, que tristeza para Jesus! Seus discípulos haviam se esquecido de tudo! Não mais se recordavam do júbilo de suas almas ao se deliciarem com as maravilhas ensinadas pelo Mestre, não mais se regozijavam com o sussurrar de Sua voz, não mais se recordavam do brilho de seus olhos ao vislumbrarem estupefatos os milagres incessantes.

Jesus, por conhecer seus corações e por poder penetrar em seus pensamentos, os exortou: *Guardai-vos com cuidado do fermento dos fariseus e dos saduceus.* Jesus sabia que

os corações dos discípulos estavam vacilantes e que, por essa razão, outras doutrinas poderiam corromper suas mentes.

Para evitar que suas mentes se contaminassem com as palavras dos fariseus e dos saduceus, bastava que os discípulos se mantivessem fiéis aos ensinamentos de Jesus, bastava que seus corações estivessem impregnados de Sua Palavra, bastava que suas mentes se encontrassem repletas das maravilhas realizadas a seu favor. Mas não, os discípulos não estavam preparados e por isso preocupavam-se apenas com o secundário, esquecendo-se do principal.

Ser fiel a Deus é estar com o coração centrado em Seus ensinamentos. É poder transitar por qualquer margem do lago mantendo a mente cravada em Sua Palavra. É nunca colocar em cheque a Sua providência. É poder visitar o inferno estando atado à corda da salvação. É ter o corpo cravado na terra, mas a alma colada à cruz. É perambular pelo imprevisto com os olhos fixos no infinito. Ser fiel a Deus é ter a certeza de que não somos nada e que só Ele é o nosso tudo.

É essa a fidelidade que Jesus espera de nós. Não nos detenhamos ao alimento passageiro, não nos fixemos nos símbolos e objetos que vão contra a nossa fé cristã. Mergulhemos no Salvador, invistamos todos os nossos esforços no conhecimento de Sua Palavra. Que o nosso coração se prostre diante de sua doutrina. Dessa forma, não haverá fermento, não haverá palavras, não haverá esoterismo ou qualquer um de seus símbolos que nos impedirá de sermos fiéis a Deus.

São José dos Campos, 18 de janeiro de 2006.